



A ESPACIALIDADE EM *LA VÉRITÉ SUR L'AFFAIRE HARRY QUEBERT*: UMA ANÁLISE DOS MICROESPAÇOS

SPATIALITY IN *LA VÉRITÉ SUR L'AFFAIRE HARRY QUEBERT*:
AN ANALYSIS OF MICROSPACE

Rosária Cristina Costa Ribeiro^{1*} | Roberta Guimarães Santana^{**}

72

Resumo: Neste artigo propõe-se a análise da espacialidade no romance *La vérité sur l'affaire Harry Quebert* de Joël Dicker. O interesse por essa categoria da narrativa surgiu a partir do questionamento sobre a identidade dos espaços em torno do autor junto ao seu distanciamento geográfico e linguístico da Suíça - sua terra natal - e sua escolha por um espaço tão distante. Esse ponto de partida nos conduz para um olhar mais detalhado sobre os microespaços (BORGES FILHO, 2007) e suas respectivas funções dentro da narrativa. O estudo do espaço na literatura conta com vertentes diversas e aqui optamos pela topoanálise, lançando uma visão psicológica nos espaços representados para enxergar os ambientes que são pontos de construção dos personagens e de suas identidades nas inúmeras curvas da história, além de serem o palco para que o leitor participe do mistério investigativo criado por Joël Dicker.

Palavras-chave: Teoria Literária; Literatura Suíça; Topoanálise.

Abstract: This article proposes the analysis of the spatiality in the novel *La vérité sur l'affaire Harry Quebert*, by Joël Dicker. The interest in this category of the narrative arose from the questioning about the identity of the spaces around the author along with his geographical and linguistic distancing from Switzerland - his homeland - and his opting for such a faraway space. This starting point leads us to a more detailed look at microspaces (BORGES FILHO, 2007) and their respective functions within the narrative. There are various lines of study of space in literature, and here we have opted for topoanalysis, shedding a psychological light on the spaces represented in the narrative so as to see the environments which are points of construction of the characters and their identities in the numerous curves of the story, in addition to being the stage for the reader to participate in the investigative mystery created by Joël Dicker.

Keywords: Theory of Literature; Swiss Literature; Topoanalysis.

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (UNESP – FCLAr). Docente do curso de Licenciatura Letras-Francês da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: rosaria.ribeiro@fale.ufal.br

** Graduada em Letras-Francês pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: roberta.guis@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura de um livro em seu idioma original deveria entregar traços que representam seu autor, sua história de vida, de onde vem e suas influências. Joël Dicker (1985-) frustra com **La vérité sur l'affaire Harry Quebert** (2012) ao sabermos que se trata de um suíço, mais especificamente genebrino. No primeiro contato, não há evidências de um autor francófono, muito menos de origem suíça, pois vemos uma história completamente americana: personagens, lugares e detalhes. Não fosse a leitura do original em língua francesa, não saberíamos que se trata de um suíço francófono.

Durante uma entrevista, questionado, Dicker devolve a pergunta ao jornalista (COUTINHO, 2013, n. p.): "E o meu livro estava lá?". Esse "lá" se refere a uma estante dedicada a livros suíços em uma livraria de Genebra. Essa dúvida é válida quando sabemos que existe essa rivalidade dentro do mercado literário francófono. Seu livro figurava nas listas de mais lidos e seu título quilométrico, que serve de graça nas entrevistas do escritor, incitava o faro de qualquer leitor, seja suíço, francês, americano.

Assim, para este trabalho, aliamos uma curiosidade inicial sobre uma espacialidade, que mistura realidade e ficção, à investigação sobre uma obra e um autor pouco conhecido em nosso país, mas que ganha notoriedade a cada nova publicação. Dessa forma, a primeira parte deste artigo trata da vida e obra de Dicker, e como o espaço entremeia sua vida enquanto homem social e escritor. Em um segundo momento, abordamos a espacialidade do romance **La vérité sur l'affaire Harry Quebert**, desenvolvendo análise concebida a partir do conceito da topoanálise, mais especificamente, fazendo uso dos microespaços quando selecionamos os ambientes criados a partir de um clima psicológico.



JOEL DICKER, UM AUTOR SUÍÇO, UM NARRADOR ESTADUNIDENSE?

“Escrevo porque os livros são mais fortes do que a vida”. Nesta frase de Marcus Goldman, protagonista do misterioso **La vérité sur l'affaire Harry Quebert**², percebemos a melhor descrição do próprio autor Joël Dicker. Para ele, a vida parece limitada, e é na ficção que se pode sair de si e encontrar seus personagens e suas tramas.

Nascido em Genebra, Suíça, em 1985, Joël Dicker é atualmente um nome representativo da literatura suíça de expressão francesa. Fato que pouco chama atenção de seus leitores, já que o autor faz em suas histórias o que a citação anteriormente aponta: o importante é o que está nos livros, tornando-o conhecido pelo que cria e não por quem é. Dicker não aparenta, mas por trás de sua vida como escritor optou por seguir com os estudos em uma área que lhe permitisse sobreviver se o viés criativo falhasse. Assim, ele conta com um diploma em Direito na Universidade de Genebra. É provável que a sua paixão por livros e literatura tenha germinado enquanto crescia rodeado pelas páginas e histórias dos livros de seu pai, professor de literatura, e sua mãe, funcionária de uma livraria, que viram o filho lançar uma revista aos 10 anos, sendo responsável por todas as suas etapas, da produção à venda.

Em entrevista à Revista *Época* (online, GIRON, 2014, n. p.), Dicker aborda suas origens literárias e revela: “Um dos livros mais marcantes da minha infância foi **Meu pé de laranja lima** de José Mauro de Vasconcelos, esse romance me incentivou a ser escritor”. Em 2010, para se dedicar a sua veia criativa, Dicker deixou de lado um emprego concorrido como advogado no Parlamento suíço para seguir o sonho da escrita, mas também a vontade de promover uma literatura de qualidade que trouxesse ao público o prazer pela leitura, assim como ele mesmo aprendeu.

Porém, sua primeira obra é escrita enquanto ele ainda era advogado, em meados de 2004, e ainda permanece desconhecida de praticamente todo o grande público. Trata-se do conto “Le Tigre”³ - de pouco mais de 30 páginas - escrito para participar de um concurso literário. Situado na Sibéria em 1903, meados do último império czariano (Nicolau II – 1894 a 1917) quando os habitantes de uma vila são encontrados massacrados e logo se descobre o culpado: um grande tigre. Nessa obra, Dicker narra a trajetória de um caçador de origem humilde que tenta se tornar rico e famoso ao colocar-se na caça de um tigre.

² *A verdade sobre o caso Harry Quebert*

³ *O Tigre* (traduzido para a língua portuguesa e publicado em Portugal no ano de 2021).



Seu primeiro título publicado, **Les Derniers Jours de Nos Pères**⁴ (2010), tem como enredo a espionagem na Segunda Guerra Mundial, e cujo personagem principal, um jovem francês, que abandona sua vida e família para seguir rumo à Inglaterra e participar do treinamento para o novo serviço secreto britânico. Apesar do título não trazer o reconhecimento esperado, lhe rendeu prêmios, como o *Prix des Écrivains Genevois*, *Mention Spéciale du Prix Erwan Bergot*, *Coup de Coeur de la Fnac*, *Coup de Coeur Hachette Canada*.

Após sua passagem pela FLIP, todos aguardavam o próximo lançamento no Brasil, e nos demais países em que ele alcançou fama. **Le livre des Baltimore**⁵ saiu em setembro de 2015, na França e na Suíça, onde o lançamento ocorreu inclusive na livraria onde sua mãe trabalha, *La Librerit*. No Brasil o lançamento foi em janeiro de 2017. Nessa obra, a personagem Marcus Goldman também compõe o enredo. Aqui somos apresentados à sua infância e juventude ao lado da parte bem sucedida de sua família, uma convivência feliz até que um drama acontece. Oito anos mais tarde, Marcus quer montar esse quebra-cabeça para saber o que houve e, em seu presente como escritor, ele decide publicar um romance sobre sua própria família, fato que ocorre cronologicamente depois de todo o caso narrado no livro **La vérité sur l'affaire Harry Quebert**, no qual ele é o protagonista. Apesar de tratar-se de um jovem escritor e com uma obra pequena, essa recorrência das personagens pode nos lembrar a técnica utilizada por Honoré de Balzac em sua **Comédia Humana**, na qual o ponto convergente são sempre as personagens.

A narrativa, às vezes em primeira, outras em terceira pessoa, é algo comum na escrita de Dicker. Em **Le livre des Baltimore**, além da personagem, ele segue com o estilo, juntamente com o uso da temporalidade descontinuada que carrega o leitor de um lado a outro por meses, e décadas até. Entretanto, esse jogo de presente, passado distante e recente pode fazer com que a linha temporal pareça confusa a princípio, mas ela é como um reflexo da personagem, da vida de qualquer um de nós, onde tudo está ali ao mesmo tempo, lembrando-nos de quem somos e de quem fomos.

Em 2018, foi lançado **La disparition de Stephanie Mailer**⁶, que aborda local e temática parecidos com seu antecessor: um crime ocorre nos arredores de uma pequena cidade da costa leste americana: o prefeito e sua família estão mortos, assim como a única

⁴ *Os últimos dias dos nossos pais*

⁵ *O livro dos Baltimore*

⁶ *O desaparecimento de Stephanie Mailer*



testemunha. Anos mais tarde, uma jornalista aparece e confronta a situação com novos fatos, mas antes da resolução, ela desaparece. Em 2020, o escritor lança **L'énigme de la chambre 622**⁷, que também conta com um enredo próximo ao do romance de enigma do século XIX e apresenta os Alpes Suíços como espacialidade. Em seu mais recente romance, publicado em 2022, Dicker publica **L’Affaire Alaska Sanders**, que consagra Marcus Goldman como personagem-chave em sua obra e retoma os Estados- Unidos como espacialidade.

LA VERITE SUR L’AFFAIRE HARRY QUEBERT

La vérité sur l’affaire Harry Quebert, chegou às livrarias em 2012, alçando Dicker à fama. Traduzido para mais de 40 países - lançado como série de tv em 2018 e ganhando o *Prix Goncourt de Lycéens*, o *Grand Prix du roman de l’Académie Française*, além de ser finalista no prestigiado *Prix Goncourt* - é aqui que conhecemos os protagonistas Marcus Goldman, jovem escritor em busca do seu segundo romance após um grande sucesso de estreia e Harry Quebert, escritor e professor universitário que já conheceu a fama e o sucesso no passado e tem em Goldman um amigo e pupilo.

O livro é recheado de jogos metalinguísticos, levando o leitor entre passado e presente. O enredo nos permite mergulhar na trama com uma primeira página instigante ao descrever uma chamada realizada à delegacia na cidade fictícia de Aurora - costa leste americana, localizada no estado de Illinois - por uma senhora que reside nos arredores de uma floresta. Uma jovem corre desesperada e atrás dela, um homem. A senhora avisa a polícia e logo descobrimos que a jovem é Nola, 15 anos, filha do pastor de uma igreja e funcionária do restaurante da cidade. A cena se desenrola em agosto de 1975 e logo é cortada para o prólogo, 33 anos depois, no meio da populosa Nova York.

Se a primeira página nos apresenta uma pequena cidade, de poucos habitantes, silenciosa e rodeada de florestas e mar, a volta para o presente é barulhenta, veloz. Goldman recebe os louros pelo segundo livro, em que narra a verdade sobre o que houve em Aurora há três décadas. Todos leem seu livro, o questionam, pelos restaurantes, pequenas ruas, não há um lugar aonde ele vá que não seja reconhecido e importunado para que diga se seu mentor e amigo Quebert havia praticado tudo o que narrou, se ele e Nola haviam realmente vivido esse amor nabokoviano⁸ proibido.

⁷ *O enigma do quarto 622*.

⁸ Nabokov, autor do romance *Lolita*.



A primeira parte do livro começa, e, ao contrário do que se espera, o primeiro capítulo é numerado como 31, ou seja, o último. Nele voltamos oito meses da data presente, do lançamento do livro de Goldman, e então começamos a conhecer as nuances de ambos os personagens principais. Marcus é um jovem ambicioso, que ainda aproveita a riqueza que seu primeiro *best-seller* lhe rendeu. Porém, essa vida tranquila não perdura por muito mais tempo, pois seu editor exige um novo romance, pois este já está com um grande atraso na entrega e com risco de perder tudo por conta de um contrato que não está cumprindo.

Um convite por parte de Harry Quebert parece ser a salvação para Goldman: passar um tempo na remota Aurora, em sua casa à beira-mar, onde Marcus já é habituado desde os tempos da faculdade. Ele aceita e parte para uma estadia que acredita ser a saída da sua crise criativa. Pouco tempo depois, após sua volta a Nova York e sua decepção por nem mesmo a pacata cidade e os sábios conselhos de seu mentor terem resolvido seus problemas, Marcus é bombardeado com as notícias informadas pela mídia: seu querido amigo é acusado do assassinato da jovem Nola, após encontrarem o corpo da menina em seu jardim. Junto ao corpo a polícia encontra o manuscrito original do livro que Quebert escreveu na época. Após isso, Goldman se torna uma espécie de detetive amador e, na tentativa de ajudar o amigo, parte rumo a Aurora.

Todo o contexto nos leva a pensar de que se trata de um livro policial, um *thriller*, um suspense, e esse pensamento não está errado em todo, mas para Dicker a descrição não seria tão simples e direta. Ele afirma em entrevista (FREIRE, 2013, n. p.) “[...] é um romance sobre investigações [...] sobre o próprio Marcus, de como passou de um miúdo arrogante a um homem, sobre todas as personagens, quem são, porque fazem o que fazem, sobre quem matou Nola. Mas é sobretudo uma investigação sobre nós”. Assim como o leitor que, ao ler, enxerga referências durante a sua leitura, o próprio autor conta, na mesma entrevista, que nesse texto “há um tributo a Nabokov, Franzen, Roth, Gary e Duras. Tal como Goldman presta tributo a Harry Quebert, também eu o presto aos autores que me trouxeram para a literatura” (FREIRE, 2013, n. p.).

A ESPACIALIDADE

A espacialidade traz o interesse em saber mais sobre a literatura suíça francófona, como se deu a escolha por uma narrativa que ecoa distante, e como isso foi recebido pelo público suíço e pelo exigente mercado literário parisiense (porta de entrada ao mercado



francês). A escolha do espaço parece óbvia após as reflexões anteriores, mas qual perspectiva abordar para lançar um olhar sobre esse aspecto?

A resposta está em vasculhar o texto literário, buscando entender as escolhas espaciais e como essa categoria contribui para a construção do texto romanesco. Claramente não existe apenas um olhar sobre o espaço na literatura. Inúmeras vertentes podem ser seguidas, como o cronotopo de Mikhail Bakhtin criado em meados de 1970, em que os conceitos de tempo e espaço se fundem, assim como o conceito matemático; ou, ainda, a vertente da geograficidade, que conecta geografia e literatura. Entretanto, neste trabalho, escolhemos a topoanálise (BACHELARD, 1984; BORGES FILHO, 2007) por se concentrar sobre o espaço no campo da literatura através do conceito de microespaços. Dessa forma, nos debruçamos em trechos específicos em que os microespaços estão caracterizados e traçamos um caminho inicial de compreensão da espacialidade na obra e assim este trabalho pode servir de impulso inicial para um mergulho na fenomenologia Bachelardiana (BACHELARD, **A poética do espaço**. 1984; **A água e os sonhos**, 1998).

TOPOANÁLISE DE UM MISTÉRIO

A topoanálise é o estudo do espaço na obra literária, mais além, ela investiga o espaço em toda a sua amplitude e dinamicidade. Segundo Borges Filho (2007, p. 33) “O topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos”. O termo foi cunhado por Bachelard (1984), mas foi com Yi-fu Tuan, geógrafo sino-americano fundador da geografia humanista que se popularizou. Em sua tese de doutorado, Pádua (2013, p.14) afirma:

É uma obra com temáticas inovadoras para a geografia. Seus títulos já demonstram a singularidade de suas abordagens [...] encontramos seus livros classificados nas estantes de psicologia, biologia e até esoterismo. Poucas vezes Tuan seguiu o fluxo da maioria das pesquisas geográficas, especialmente das funcionalistas. Mesmo que os temas sejam relativamente comuns na geografia [...] sua atitude é normalmente dissonante.

Essa abordagem ao investigar o espaço na literatura (topoanálise) nos dá margem para perceber que houve uma desvalorização da personagem e do enredo no passar do



tempo. Borges Filho (2007, p.13) afirma algo que parece descrever indireta e resumidamente o que se passa em **La vérité sur l'affaire Harry Quebert**:

O herói passou a ser visto como mais um num mundo que não lhe dá a menor oportunidade de ser agente de algo realmente significativa. Assim, as narrativas passam a se preocupar muito com inquiuições psicológicas, com complexos, com atitudes inesperadas e paralelamente a tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços dessa personagem.

Se olharmos para o nosso protagonista jovem escritor, e nele buscarmos o arquétipo heroico, nos decepcionaremos. O próprio Dicker, durante passagem pelo Brasil, diz não saber sobre como seria o fim de sua história, que no decorrer de seu processo criativo foi o mistério foi a constância, levando sua personagem a se transformar e evoluir no meio desse inquérito que ele mesmo carregou durante as centenas de páginas. O trecho acima nos permite enxergar a obra de Dicker ao passo que inicia seu estudo sobre o espaço, a sua relação com a personagem e como este a influencia e o contrário.

Ao olharmos com mais atenção para a questão do espaço dentro da obra literária, é preciso analisar como a concepção de toponálise deriva em três vertentes, mas é a relação entre duas delas, a natureza e a realidade do espaço, que trabalhamos neste artigo. Dessa relação, três pontos interagem e constituem o que entendemos por espaço na visão de um toponalista: continente, observador e conteúdo.

ALGUNS CONCEITOS

Conhecendo o estudo do espaço e em qual visão embasar a análise subsequente, é preciso entender alguns conceitos que se fazem presente na toponálise, começando pela noção de paisagem e território.

O conceito de paisagem resulta do processo de relação entre natureza e homem, em que o olhar do observador é que determina os limites da paisagem. Já o de território é o espaço visto do ponto de vista político ou de uma relação de dominação-apropriação. Aqui enxergamos as relações de poder implicando um espaço dentro de uma obra. Quanto a exercer o poder, Borges Filho (2007, p. 30) diz que "o poder é a vontade de um sobre o outro, pode ser exercido de duas formas basicamente: pela coerção ou pela sedução". Assim, descrever o espaço é caracterizar uma personagem, determinar-lhe caráter, perfil social, econômico e até mesmo prever suas atitudes, e ainda influenciar suas ações.



Para pensar no espaço, pensamos primeiramente no enredo, que possui uma sequência de espaços nos quais se dá a narrativa. Para iniciarmos a análise, vamos direto ao levantamento dos espaços do texto da obra em questão.

Macroespaços, algumas considerações

Ainda segundo Borges Filho (2007), um texto pode ser segmentado em dois grandes espaços, seja com a oposição entre regiões (norte > sul) ou entre continentes (Ásia > Europa). Estas oposições comporiam os macroespaços. No livro de Dicker, há uma pluralidade de espaços, uma possibilidade de apreciação macroespacial seria enquadrar a obra e iniciar sua análise cortando-a nos extremos interior-cidade, mas não é este o ponto em que focaremos.

Esse percurso se desenvolve em lugares específicos, que tanto representam as personagens como as transformam. É nesses lugares que concentramos nossas análises, ou seja, nos dedicamos às análises microespaciais, como Borges Filho (2007, p. 46) confirma “saliente-se o obvio: nem todo texto possui macroespaços, por exemplo, no conto “Amor” de Lispector, temos a seguinte divisão [...] o apartamento, o bonde, o jardim botânico”. Em **La vérité sur l’affaire Harry Quebert**, o macroespaço polariza-se entre a pacata e fictícia Aurora e a pulsante e populosa Nova Iorque.

Assim, ainda que não analisemos neste artigo os macroespaços, é necessário frisar que os dois espaços sob os quais lançaremos essa ótica psicológica são microespaços que representam os dois pólos macro: a cidade de Aurora, representando essa visão interiorana: “Antes do caso que agitou a América durante o verão de 2008, ninguém havia ouvido falar de Aurora. É uma pequena cidade a beira mar”⁹ (tradução livre) (DICKER, 2012, p. 28). Essa pacata cidade é o extremo contrário é abordado pelo ponto de vista cosmopolita, a representação da cidade grande em (DICKER, 2012, p. 13 - tradução livre): “Todo mundo falava do livro. Nas ruas de NY eu não podia mais andar em paz, eu não podia mais fazer minha corrida nos caminhos do Central Park sem que pedestres me reconhecessem”¹⁰. Veja que, enquanto para Aurora temos “ninguém”, para New York temos “todo mundo”. Dois extremos que ajudam a dar o peso de cada cenário ao leitor. Enquanto o “ninguém” nos rememora a pouca importância e o esquecimento, NY é onde temos o todo e todo mundo.

⁹ Avant l’affaire qui agite l’Amérique durant l’été 2008, personne n’avait entendu parler d’Aurora. C’est une petite ville du bord de l’océan [...].

¹⁰ Tout le monde parlait du livre. Dans les rues de New York, je ne pouvais plus déambuler en paix, je ne pouvais plus faire mon jogging dans les allées du Central Park sans que des promeneurs me reconnaissent [...]



Enquanto Aurora é uma “pequena cidade”, nos dando essa sensação de pouco espaço (físico) e de importância, NY tem seus “caminhos”, grandes e espaçosos, prontos a receber a todos. Entretanto, mesmo como opostos, esses dois ambientes vão convergir. Como? Através do personagem Marcus Goldman. É ele que cria a ponte entre o esquecimento e a lembrança por conta de sua relação com Quebert, e através de sua investigação. Enquanto vemos em Quebert a representação desse interior, escondido e desconhecido, em Marcus enxergamos claramente NY, sua agitação, impetuosidade e impaciência por aquilo que deseja, no caso, resolver esse mistério que envolve seu mentor e amigo.

Microespaços: a chave para a compreensão

Verificar os microespaços é entender que sua base está em dois tipos essenciais: o cenário e a natureza. Essa segmentação é o que vai nos guiar por uma análise do percurso espacial, das relações das personagens com os espaços e o que eles contem para o desenvolvimento da narrativa.

Cenário, natureza e ambiente: definições-chave

No que tange a topoanálise é no cenário¹¹ que descobrimos os temas e valores enraizados pelo homem naquele espaço. Borges Filho (2007, p. 47) complementa: “a origem da palavra cenário é cena que, por sua vez, originou termos como encenação, cenógrafo, cenografia, etc”. É imprescindível olhar espaços como os cômodos de uma casa, um estabelecimento, um edifício, a igreja, a calçada. Em **La vérité sur l'affaire Harry Quebert** encontramos alguns cenários que são valiosos para a construção de uma narrativa que inicia em 1975 em uma cidade do interior americano: Colégio Felton em Newark, Universidade de Burrows em Massachusetts, anfiteatro da Universidade de Burrows e o restaurante Clark's.

Ao analisar uma obra literária catalogando os seus espaços, separar partes específicas nos ajuda a entender como se deram as relações criadas no enredo. Quando pensamos em cenários como algo criado pelo homem (BORGES FILHO, 2007, p. 47), o oposto a isso seria a natureza, o conjunto daquilo que independe do ser humano para existir e que com ele coexiste, espaços como o mar, o rio, o córrego, a praia, a floresta, o bosque, o jardim, a montanha. No livro de Joël Dicker, somos apresentados a alguns espaços da natureza que

¹¹ s. .m. 1. Conjunto de bastidores e vistas, apropriados aos fatos que se representam. 2. Lugar onde se passa algum fato. 3. Panorama. (Dicionário Michaelis)



são marcantes e representativos para a construção de relações entre Marcus e Quebert e também onde culminam muitos mistérios em torno dos fatos, como a praia e a floresta na cidade de Aurora, o jardim da casa em Goose Cove e o lago em Montburry.

Conhecendo cenário e natureza, temos em mãos as ferramentas que, juntas, alcançarão o que propomos como topoanálise. Somando a elas o clima psicológico temos então o ambiente dentro da nossa perspectiva. Juntar o cenário ou a natureza a um clima psicológico nos trará um ambiente. A definição de ambiente é plural e segundo o dicionário Houaiss, a palavra tem origem latina e significa “aquilo que rodeia ou envolve por todos os lados e constitui o meio em que se vive”.

Nas passagens anteriores podemos verificar, com o uso dessa soma de fatores, através de uma avaliação psicológica que cria ambientes específicos para sequência da narrativa. Ambientes esses que Tomachevski (1971, p.186) conceitua de motivação composicional por analogia psicológica “estes detalhes característicos podem se harmonizar com a ação: através de uma analogia psicológica (a paisagem romântica: o luar para uma cena de amor, tempestade ou borrasca para as cenas de morte ou crime)”.

Cenário somado ao clima psicológico: a chave para a espacialidade

O início da relação entre Quebert e Goldman descobrimos no trecho: “Os laços que me uniam a Harry [...] foram muito fortes. Ele tinha entrado na minha vida ao longo do ano de 1998, quando eu integrava a Universidade de Burrows, em Massachusetts”¹² (DICKER, 2012, p. 30 - tradução livre). Eles não teriam se aproximado se não fosse por essa perspicácia e agitação de Marcus durante uma aula ministrada por Harry no anfiteatro da Universidade. Um anfiteatro é um espaço conhecido por ter uma estrutura diferente de uma sala de aula convencional. A parte onde o professor está fica em um nível bem abaixo, posicionando as cadeiras dos alunos em formação vertical e crescente. Este espaço nos mostra como mesmo se tornando amigos - mestre-pupilo, pai-filho - Marcus e Quebert sempre estiveram ligados por uma certa distância. Sim. Distância. Vejamos que Marcus escolhia sempre o lugar mais alto do anfiteatro para estar, já Harry, como professor, posicionava-se embaixo.

¹² “Les liens qui m’unissaient à Harry [...] étaient très forts. Il était entré dans ma vie au cours de l’année 1998, lorsque j’intégrai l’université de Burrows, Massachusetts.



Nos corredores da universidade e caminhos do campus, todo mundo se virava em sua passagem para lhe saudar. Ele era além de tudo o único do o corpo docente a ministrar suas lições no grande anfiteatro que servia as cerimônias de entrega de diploma e as apresentações de teatro¹³. (DICKER, 2012, p. 89 - tradução livre)

Porém, estar na posição de Harry, abaixo de todos os alunos, lhe permitia uma visão contempladora e analítica. Já Marcus, acima de todos e principalmente de seu professor, sentia-se como detentor de toda a verdade, superior e esperto. Essas escolhas de espaços – interior x cidade grande, Aurora versus NY – são nitidamente confirmadas através da construção do ambiente e ao jogar esse olhar psicológico sobre o cenário percebe-se que essas extremidades são um marco dentro da relação dos dois personagens. Ver aluno tentando superar o mestre, e o mestre confiante e respaldado por sua sabedoria interagirem torna palpável as diferenças entres eles, mas também o porquê de se aproximarem.

Vejamos a cena em que os dois se conhecem dentro deste anfiteatro, já no decorrer do curso quando Harry resolve chocar sua classe trazendo à tona uma discussão sobre o caso extraconjugal do então presidente Bill Clinton:

[...] no fim de outubro, Harry Quebert iniciou a aula da seguinte forma: “Senhoras e Senhores, nós estamos excitados com o que se passa neste momento em Washington, não? O caso Lewinsky... Imaginem que desde George Washington, em toda a história dos EUA, duas razões foram identificadas para pôr fim a um mandato presidencial: ser um crápula, como Nixon, ou morrer [...] Mas aqui está uma terceira causa que se poderia acrescentar à esta lista: feiação. O sexo oral, o pênis [...] E vocês verão, daqui alguns anos, ninguém se lembrará mais que o Senhor Clinton organizou nossa economia desastrosa, governou com perícia [...]”¹⁴ (DICKER, 2012, p. 89 - tradução livre).

É interessante como os ambientes construídos em cada momento da narrativa nos fazem refletir sobre a semelhança entre as situações de passado e presente, vejamos esta

¹³ Dans les couloirs de l’université et dans les allées du campus, tout le monde se retournait sur son passage pour le saluer. Il était d’ailleurs le seul parmi tout le corps professoral à ne donner ses leçons que dans le grand amphithéâtre qui, d’ordinaire, servait aux cérémonies de remise de diplômes ou aux représentations de théâtre.
¹⁴ [...] de la fin octobre, Harry Quebert introduisit son cours de la façon suivante : « Mesdames et Messieurs, nous sommes tous très excités par ce qui se passa en ce moment à Washington, non ? L’affaire Lewinsky... Figurez-vous que depuis George Washington, dans toute l’histoire des États-Unis d’Amérique, deux raisons ont été répertoriées pour mettre un terme à un mandat présidentiel : être une crapule notoire, comme Nixon, ou mourir [...] Mais voilà qu’une troisième cause pourrait s’ajouter à cette liste : la fellation. Le rapport buccal, la pipe [...] Et vous verrez, d’ici quelques années, personne ne se souviendra plus que Monsieur Clinton a redressé notre économie désastreuse, gouverné de façon experte [...]



passagem, onde o professor aborda um tema polêmico, tratando de sexualidade e ética em tom de provocação para tirar do público algum conteúdo. Esse é o momento que usaremos para comparar a situação vivida pelo próprio Harry ao ter seu romance proibido descoberto e exposto pela mídia. Em ambos os ambientes é seu pupilo Marcus que será o catalisador, em sala enquanto aluno por ser o único a fazer parte do espetáculo no anfiteatro e no presente quando é a face de defesa de seu mestre.

Este foi o cenário escolhido por Dicker para realizar esse encontro entre os protagonistas de sua obra. Aqui vemos como Marcus é egocêntrico, focado em si e sempre disposto a virar a atenção do momento para ele, não é à toa que a disposição da cena o deixou no topo do anfiteatro, preparando sua entrada e causando comoção ao fazê-la, sendo o único a responder à questão que o professor fez para a classe. No capítulo 30, intitulado “Le Formidable”, descobrimos mais do passado de Marcus e como essa atitude se perpetua sempre que ele entende que precisa crescer, evoluir e ser mais. Esses desejos o levam a repetir um comportamento, vejamos uma passagem em que conhecemos o colégio em que Marcus estudou e onde ele narra situações em que colocamos em cheque seu caráter:

Minha passagem pelo colégio em Felton [...] tranquilo estabelecimento ao norte de Newark e povoado de adolescentes calmos, tinha marcado as memórias a ponto que meus amigos e professores tinham me apelidado de O Formidável. Mas, neste dia em dezembro de 2006, o que todos ignoravam no momento em que aplaudiam essa vitrine em homenagem a minha glória, é que eu devia tudo a uma sequência de mal entendidos, no início fortuita e depois, inteligentemente orquestrada [...] ²⁵ (DICKER, 2012, p. 56 - tradução livre).

O colégio fica em um pequeno povoado, tudo muito tranquilo, mas Marcus é sempre o ponto de virada dentro de todo espaço em que é situado na narrativa. No desenrolar dos fatos, é ele que consegue desvendar os mistérios em torno do caso Nola. Assim, é justo esse processo que o transforma em alguém com um caráter sólido ao apoiar seu amigo, o professor que vivencia situação semelhante àquela que abordou em sala, sendo visto como

²⁵ Mon passage au lycée de Felton High [...] établissement très tranquille du nord de Newark et peuplé d'adolescents calmes, avait marqué les mémoires au point que mes camarades et mes professeurs m'avaient surnommé le Formidable. Mais en ce jour de décembre 2006, ce que tous ignoraient au moment d'applaudir cette vitrine à ma gloire, c'est que je ne devais qu'à une suite de quiproquos, d'abord fortuits puis savamment orchestrés [...]



um pária e tendo seu livro retirado das lojas pela vergonha de ter se envolvido com uma jovem menor de idade.

Outra espacialidade relevante à narrativa é o restaurante Clark's, pois é um cenário que serve de refúgio para Quebert, onde escreveu boa parte do seu livro em 1975, sempre sentado à mesma mesa. No restaurante, a proprietária lhe concedeu uma pequena homenagem ao inserir uma placa com a inscrição: "É nesta mesa que durante o verão de 1975 que o escritor Harry Quebert redigiu seu famoso romance **As Origens do Mal**"¹⁶ (DICKER, 2012, p. 32 - tradução livre), local onde ele podia admirar o objeto de sua paixão, Nola, trabalhando:

Todos os que se lembram de Nola dirão que ela era uma menina maravilhosa, daquelas que marcam a alma: doce e atenciosa, talentosa em tudo e radiante. Parece que ela teve essa alegria de viver sem igual que podia iluminar os piores dias de chuva. Aos sábados, ela servia no Clark's; ela girava entre as mesas, leve, fazendo dançar seu cabelo loiro ondulado. Ela sempre tinha uma palavra gentil para todo cliente. Só se via Nola, era um mundo inteiro em si mesma.¹⁷ (DICKER, 2012, p. 65 - tradução livre)

A representatividade deste cenário é clara ao tornar-se ambiente no qual Nola é a figura exaltada pelo artista em uma tela. No caso de Quebert, nas páginas de um livro. Um pequeno restaurante, engordurado e sujo que se transforma em palco de uma cena de beleza pela perspectiva de Quebert ao idealizar sua jovem musa. Entendemos que Nola tem o poder de sedução e conquista sobre ele, de tal forma que ela é o elemento de mudança, que representa o teor psicológico, ingenuamente quando se trata de Harry, mas muito bem arquitetado com outros personagens.

Natureza somada ao clima psicológico: a chave para o mistério

Começemos nossa análise do ambiente pela primeira vez em que somos apresentados a praia em uma cena sequencial:

¹⁶ C'est à cette table que durant l'été 1975 l'écrivain Harry Quebert a rédigé son célèbre roman Les Origines du mal.

¹⁷ Tous ceux qui se souviennent de Nola diront qu'elle était une jeune fille merveilleuse. De celles qui marquent les esprits : douce et attentionnée, douée pour tout et rayonnante. Il paraît qu'elle avait cette joie de vivre sans pareille qui pouvait illuminer les pires jours de pluie. Les samedis, elle servait au Clark's ; elle virevoltait entre les tables, légère, faisant danser les airs ses cheveux blond et ondulés. Elle avait toujours un mot gentil pour chaque client. On ne voyait qu'elle. Nola, c'était un monde en soi.



Era um dia de mau tempo. A tarde chegava ao fim e a praia estava deserta. [...] A tormenta desencadeava no oceano, inchado de espuma e de raiva; não demorava a chover [...] ele tinha descido a escada de madeira que levava ao terraço da casa na praia e estava sentado na areia [...] as primeiras gotas caíram do céu [...]”¹⁸ (DICKER, 2012, p.78 - tradução livre).

A descrição da praia começa pontuando sua localização em relação à casa de Quebert e nos mostra que a praia é sua fuga, ali o escritor encontra o silêncio e a paz, mas naquele dia a natureza é pura tormenta, indicando através do clima que a situação é tensa, que o escritor está preocupado, pensativo. E nós, como leitores, sentimos esse peso da cena. Quando ela segue, somos apresentados à Nola, a jovem desaparecida e posteriormente descoberta morta: “Ele quis fugir para se proteger, mas foi então que a viu”¹⁹ (DICKER, 2012, p.79 - tradução livre). Este é o ponto de virada, quando somos apresentados a praia, tudo é obscuro, mas a chegada dessa personagem modifica todo o ambiente:

[...] ela caminhava descalça [...] à beira mar, dançando sob a chuva e brincando nas ondas. Ele ficou estupefato e a contemplou, espantado: ela seguia [...] cuidando para não molhar o vestido. Desatenta por um breve instante, ela deixou que a água subisse até seus tornozelos; surpresa, ela gargalhou [...] era como se o mundo lhe pertencesse. Em seus cabelos loiros ao vento ela trazia flores que impediam que as mechas batessem em seu rosto. O céu agora derramava água torrencialmente.²⁰ (DICKER, 2012, p. 79 - tradução livre).

A descrição de Nola por uso de adjetivos ligados à natureza transformam a paisagem. Se antes conhecíamos a obscuridade, agora praticamente esquecemos que havia uma tempestade. A entrada da personagem modificou o ambiente e o próprio Quebert, a figura de Nola torna ensolarado o dia escuro e frio, e para o escritor que antes queria fugir da chuva, agora é a mais bela imagem que já viu. O espaço enquanto natureza que é a praia se tornou o ponto onde Harry se apaixona, isso acontece mostrando o poder que a nova

¹⁸ C’était un jour de mauvais temps. L’après-midi touchait à sa fin et la plage était déserte. [...] La tourmente déchaînait l’océan, gonflé d’écume et de colère ; il n’allait pas tarder à pleuvoir [...] il avait descendu l’escalier en bois qui menait de la terrasse de la maison à la plage et s’était assis sur le sable [...] Les premières gouttes tombèrent du ciel [...]

¹⁹ [...] Il voulut s’enfuir pour aller se mettre à l’abri mais c’est alors qu’il la vit [...]

²⁰ [...] elle marchait pieds nus [...] au bord de l’océan, dansant sous la pluie et jouant avec les vagues. Il resta stupéfait et la contempla, émerveillé : elle suivait [...] veillant à ne pas mouiller les pans de sa robe. Inattentive un bref instant, elle laissa l’eau lui monter jusqu’aux chevilles ; surprise, elle éclata de rire [...] c’était comme si le monde lui appartenait. Dans ses cheveux blonds emportés par le vent, une barrette jaune en forme de fleurs empêchait les mèches de lui battre le visage. Le ciel déversait des torrents d’eau à présent.



personagem carrega, já que ela transformou a realidade a que fomos inseridos anteriormente. Essa mudança no clima – psicológico – aconteceu bruscamente, de um parágrafo a outro, assim como são as mudanças climáticas, a chuva e o sol trocam de lugar e tem o poder de mudar um dia, um momento.

Passemos ao próximo espaço referente a natureza que nos é apresentado, a floresta. Com ela somos atingidos pelo desaparecimento de Nola:

Acredito que acabei de ver uma jovem perseguida por um homem na floresta [...] eu olhava em direção ao bosque e vi essa menina que corria entre as árvores. Tinha um homem atrás dela [...] Eu não os vejo mais. Eles estão na floresta [...] Naquele dia, Nola Kellergan, quinze anos, uma jovem da região, desapareceu. Nunca se encontrou novamente seu rastro.²¹ (DICKER, 2012, p. 9 - tradução livre)

A natureza tem um papel de extrema importância nesta obra. Reconhecemos Nola na floresta, em perigo, e ficamos em suspenso com esta cena em um ambiente caótico e de medo, ou seja, a primeira impressão que temos da menina é ligada a natureza em uma cena de terror. Descobrimos, então, que sua ligação com Quebert também aconteceu em um ambiente natural e que esteve enterrada durante mais de trinta anos num belo jardim. Como estamos construindo os fatos junto ao personagem de Marcus, vale saber que é em sua casa em NY que recebemos a notícia sobre Quebert e seu envolvimento no crime “Eu tinha passado a manhã em casa, lendo na sala. Fora isso, fazia calor, mas chovia: havia 3 dias que NY era regada por uma névoa morna. Por volta de 13h, eu recebi uma chamada [...]”²² (DICKER, 2012, p. 43 – tradução livre). O clima é insuportável, uma sensação morna que paira e perdura no ar do ambiente, somos preparados para o que está por vir:

Na tela [...] imagens da casa [...] e eu ouvi o apresentador explicando: é aqui, na sua casa em Aurora [...] que o escritor Harry Quebert foi preso hoje depois que a polícia desenterrou restos humanos na sua propriedade [...] no início da manhã, uma empresa de jardinagem tinha vindo a Goose Cove por pedido de Harry, para plantar hortênsias [...] revirando a terra os jardineiros

²¹ Je crois que je viens de voir une jeune fille poursuivie par un homme dans la forêt [...] je regardais en direction des bois et là, j’ai vu cette jeune fille qui courait entre les arbres. Il y avait un homme derrière elle [...] Je ne les vois plus. Ils sont dans la forêt. [...] Ce jour-là, Nola Kellergan, quinze ans, une jeune fille de la région, disparut. On ne retrouva plus jamais sa trace.

²² J’avais passé la matinée chez moi, à lire dans le salon. Dehors, il faisait chaud, mais il pleuvait : il y avait trois jours que NY était arrosé par une bruine tiédasse. Aux environs de treize heures, je reçus un coup de téléphone [...].



tinham encontrado ossos humanos a um metro de profundidade²³. (DICKER, 2012, p. 44 – tradução livre)

Nola é encontrada, seu corpo decomposto no jardim de Quebert, tudo disposto de forma a fazer acreditar e não duvidar que Harry praticou o crime. Esta é a primeira vez que sabemos do jardim, sabendo que o segredo foi revelado no instante em que o jardim estava sendo renovado e iria ganhar novas flores, flores essas que eram as preferidas de Nola. Nessa análise da natureza como parte de um ambiente, chegou a comparar Nola e sua relação com Harry ao mito de Perséfone. Na mitologia grega ela foi tanto a deusa do submundo como a da natureza, fertilidade, agricultura, flores e estações.

Na citação acima, vemos os dois pólos da deusa dentro da mitologia: o submundo ao lermos sobre seus restos desenterrados em uma terra revirada e o simples fato de se tratar de um jardim e o cuidado que se tem com ele, a preocupação de deixá-lo belo em todas as estações. Vejamos uma das primeiras descrições da jovem Nola “Nola era uma menina especial, doce, gentil com todos. Todo mundo a amava aqui. Era como uma filha para todos”.²⁴ (DICKER, 2012, p. 122 - tradução livre)

Se Perséfone era bela e encantadora a ponto de produzir em Hades, deus do submundo, um desejo que o leva a sequestrá-la, Nola desperta uma paixão e inveja, e mesmo com sua ingenuidade - até determinado ponto - é levada a morte pela luxúria de terceiro(s). Vejamos como o autor desenvolve a triangulação dos espaços que envolvem o crime: de forma concisa, somos transportados a esta delimitação e imaginamos como, por anos, Nola esteve escondida, mas exposta a beleza que viveu e sonhou com Harry, e onde ele respirou e viveu seu sonho com a fantasia que guardou da jovem que passou por ele como uma chuva de verão.

Goose Cove era rodeada pela praia e pela floresta e não tinha barreira ou interdição para delimitar a propriedade [...] não era incomum ver pessoas ao longo da praia ou pelos bosques próximos. O buraco se situava em uma

²³ À l'écran [...] des images de la maison [...] et j'entendis le présentateur qui expliquait : C'est ici, dans sa maison d'Aurora [...] que l'écrivain Harry Quebert a été arrêté aujourd'hui après que la police a détéré des restes humains dans sa propriété [...] en début de ce matinée, une entreprise de jardinage était venue à Goose Cove à la demande de Harry, pour planter des massifs d'hortensias [...] en retournant la terre, les jardiniers avaient trouvé des ossements humains à un mètre de profondeur.

²⁴ Nola était une fille tellement spéciale, douce, gentille avec tout le monde. Tout le monde l'aimait ici! C'était comme notre fille à nous tous.



parte relvada com vista para o oceano, entre o terraço e a floresta ²⁵.
(DICKER, 2012, p. 109 – tradução livre)

Neste trecho, podemos perceber que as paisagens e naturezas se conectam. Assim, tanto o próprio crime quanto sua resolução também se conectam especificamente a esses espaços:

Os arredores do lago estavam num estado lamentável; as chuvas torrenciais acabaram com as margens. Tudo era lama [...] os mergulhadores encontraram na lama um colt .38 e um colar de ouro escrito NOLA.²⁶
(DICKER, 2012, p. 615 – tradução livre)

É no lago que Marcus e o detetive encontram as peças necessárias para traçar um novo caminho para a investigação. Os adjetivos usados afundam o leitor na sujeira do crime, é nesta lama podre que há duas provas que dão novo rumo à narrativa e envolvem novos suspeitos, que dessa vez, são realmente os culpados. A pureza de uma jovem foi literalmente jogada na lama, mas é nessa água turva que enxergamos o contexto de uma menina que sofre com transtornos mentais, envolvida aos nove anos na morte da mãe (DICKER, 2012, p.584) “[...] eu sei. Mamãe está morta, disse Nola. Ela era ruim, então eu coloquei fogo em seu quarto²⁷” (tradução livre). Nola, filha de um pastor, foi levada à congregação de sua igreja e lá passou por inúmeras sessões de exorcismo, até que desenvolveu surtos, criando alucinações em que a personalidade de sua mãe era a dominante. Tudo que lhe foi infligido durante as sessões, ela passou a reviver por si mesma: simulação de afogamento e espancamento. Mais adiante na história, Marcus entrevista um especialista em psiquiatria infantil e através dos dados sobre a jovem ele confirma que ela sofria de esquizofrenia.

Por ser um elemento presente em diversas paisagens, a água desperta interesse para nossa análise. De acordo com Chevallier e Gheerbrant (1982), o significado da água pode ter infinitas interpretações (p. 374), porém, o mais recorrente é como fonte de pureza e elemento capaz de tirar a sujeira. Por outro lado, quando a água é suja, turva, estagnada, em geral pode

²⁵ Goose Cove était entouré par la plage et la forêt côtière et il n’y avait ni barrière, ni interdiction de passage pour délimiter la propriété [...] il n’était d’ailleurs pas rare d’apercevoir des promeneurs longeant la plage ou traversant les bois proches. Le trou se situait sur une parcelle herbeuse dominant l’océan, entre la terrasse et la forêt.

²⁶ Les abords du lac étaient dans un état lamentable ; les récentes pluies torrentielles d’automne avaient labouré les berges. Tout n’était que boue [...] les plongeurs venaient de découvrir dans la vase un colt .38 et un collier en or avec le prénom NOLA inscrit dessus.

²⁷ [...] je sais, Maman est morte. Elle était méchante. Alors, j’ai mis le feu à sa chambre.



representar o encobrimento de um crime: “A perversão se encontra igualmente figurada pela água misturada à terra (desejo terreno) ou estagnada que perdeu seu poder purificador: o vaso, a lama, o pântano”. (CHEVAILIER; GHEERBRANT, 1982, p. 381 – tradução livre). Outro ponto interessante, levantado por Bachelard (1998), e muito recorrente na literatura, é a ligação entre o tema da loucura e sua relação com a água, que deriva da medicina dos humores.

A água é o *elemento* da morte jovem e bela, da morte florida, e nos dramas da vida e da literatura é o *elemento* da morte sem orgulho nem vingança, do suicídio masoquista. É o símbolo profundo, orgânico, da mulher que só sabe *chorar* suas dores e cujos olhos são facilmente afogados em lágrimas. (BACHELARD, 1998, p. 85)

Com essas considerações sobre a morte e o encontro do cadáver de Nola é que concluímos, momentaneamente, nossas análises, ligando o romance de Dicker à tradição da literatura ocidental que traz a figura feminina para as águas para, aí, encerrar seu périplo de sofrimento. Os mistérios que cercavam seu desaparecimento e morte passaram por inúmeras reviravoltas até culminar na descoberta dessas provas cruciais em meio a um ambiente que nos remete aquela praia onde ela encantou Harry, a floresta onde desapareceu e ao jardim em que teve seus restos mortais enterrados. Ao final, podemos dizer que toda a verdade do caso Harry Quebert estava submersa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento e legitimação no mercado literário em língua francesa vem do espaço franco-parisiense, no qual Paris é a capital da liberdade criativa e literária. Para ali consagrar-se, Joel Dicker precisou se distanciar do que Jacques Chessex (1934-2009) e Charles-Ferdinand Ramuz (1878-1947) priorizavam como suíço francófono e criar um ambiente propício para desenvolver seu labor, mas também fez aquilo que ambos fizeram: recorrer a dupla estratégia editorial, colocando suas obras nas mãos de editoras francesas e suíças. Fazer isso não deve excluí-lo da divisão suíça nas livrarias, mas destacá-lo, já que foram essas mudanças linguísticas que o inseriram e o destacaram no mercado que levou seu livro as pessoas, primeiramente os parisienses – como uma peneira – e depois ao resto do mundo, globalizando sua literatura, suíça, mas de expressão francesa.

A problemática do espaço ocupado por Dicker no meio criativo exaltou os ambientes que ele teceu para suas personagens, dando importância ao que resulta no homem sua



interação com os espaços e como ele os modifica, e não a exigência de pertencer, estar e representar um lugar. A escolha da toponímia foi embasada nessa curiosidade primária diante da trajetória do autor, e era necessário encontrar o meio pelo qual poderia enxergar seu texto a partir de seus espaços, mas pontuando com mais atenção a relação psicológica que influenciou a construção deles e como isso se relaciona aos personagens.

Separar a obra em microespaços para neles buscar a relação afetiva da personagem com o espaço fortalece o elo experiencial que cada cena apresenta. Fixar-se sobre a escala emotiva que os espaços constroem, seja ela benéfica (quando Nola e Harry se conhecem na praia) ou disfórica (ao encontrar os restos de Nola no jardim) estrutura a leitura e a compreensão do texto, visto que a literatura é a investigação do homem e suas relações com o mundo, que forma melhor de debruçar-se sobre uma narrativa do que vislumbrar essas conexões de seus desdobramentos a partir dos ambientes criados e modificados tendo o homem como ponto crucial.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, A **água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: **introdução à toponímia**. Franca, São Paulo. 2007. 188 p.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des symboles**. Paris: Robert Lafont/Jupiter, 1982.
- COUTINHO, Isabel. Ser ou não ser um escritor suíço. **Público**. Jornal. 26 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/07/26/jornal/ser-ou-nao-ser-um-escritor-suico-26860057>>. Acesso em 12 abr. 2019.
- DICKER, Joël. **La vérité sur l'affaire Harry Quebert**, Paris: Éditions de Fallois, 2012. 670 p.
- FREIRE, Rita S. "Joël Dicker, o autor que veio do frio". In: **Sol**. Cultura. 09 jul. 2013. Disponível em: <<https://sol.sapo.pt/artigo/79345/joel-dicker-o-autor-que-veio-do-frio>>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- GIRON, Luís Antônio. "A súbita ascensão de Joël Dicker". In: **Época**. Vida. 13 jun. 2014. Disponível em :<<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/06/subita-ascensao-de-bjoel-dickerb.html>>. Acesso em 10 jun. 2019.



PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e permanências. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09122013-114313/pt-br.php>>. Acesso em 26 jan. 2023.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: TODOROV, T. **Teoria da literatura**. Formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1971.

Recebido: 22/03/2023

Aprovado: 30/04/2023

